

RELIGIÃO, POLÊMICA E PSICANÁLISE: UMA ANÁLISE ACERCA DAS RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS ENTRE CATOLICISMO E PROTESTANTISMO

Laelson Matos Ribeiro Júnior^{1*}, Edvania Gomes da Silva²

1. Estudante de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Bolsista de IC da FAPESB.

2. Professora e Pesquisadora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - campus de Vitória da Conquista/Orientadora.

Resumo

Neste trabalho, objetivamos analisar, com base em alguns pressupostos teóricos da Escola Francesa de Análise de Discurso, como emergem, e se estabelecem, as relações de polêmica discursiva entre duas diferentes formas de “ser cristão”. Para tanto, analisamos como essa polêmica se materializa na relação entre os pronunciamentos do Papa Pio XII e algumas cartas do Pastor Oskar Pfister.

Nesse sentido, procuramos estabelecer inter-relações entre os discursos materializados nas cartas do Pastor e nos pronunciamentos papais, afim de encontrar indícios dessa relação polêmica.

Pudemos verificar que os discursos se confrontam por, e ao, disputarem o mesmo espaço discursivo; por estabelecerem, cada um a sua maneira, certas formas, e não outras, de ser religioso; tudo isso, enquanto marcam e expõem os contornos que revelam a imagem do Deus que se propõem a adorar; um Deus que é, simultaneamente, o mesmo, mas também diferente.

Palavras-chave: Polêmica; Religião; Psicanálise.

Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: UESB

Introdução

O Papa Pio XII, em 1952, realizou um pronunciamento em que repudia o papel da

sexualidade na psique humana, por meio da crítica ao suposto “pansexualismo” da psicanálise freudiana. Segundo o referido papa, “há uma lei da pureza e da intocabilidade pessoal, do respeito pessoal dos homens e dos cristãos por si mesmos, que proíbe sua troca e seu desaparecimento nas representações sexuais e no mundo afetivo. O ‘interesse’ médico, psicoterapêutico, encontra aqui um limite ético” (PIO XII, 1952).

Em 1953, Pio XII afirma que “assim sendo, se faz absolutamente necessário distinguir *seele* como ‘alma’ e como ‘psíquico’, evitando a ambiguidade e a confusão entre esses dois termos, que Freud acabara por produzir”.

Por outro lado, alguns anos antes, em 1910, o pastor Oskar Pfister publicou um artigo intitulado “A psicanálise como discurso científico e como método para cura de almas”, em que defende que o pastor/padre é um “cuidador de almas”, o que implica dizer que essa função equivaleria a uma espécie de prática terapêutica. Também, em muitas das cartas que trocou com Freud, considerado o pai da psicanálise, entre os anos de 1909 e 1939, Pfister manifesta todo seu apressamento pela forma de pensar do referido psicanalista e vê na psicanálise um importante método para a realização do que ele chamava de “cura de almas”, um método que, por meio da “conciliação” entre teses religiosas e psicanalíticas, poderia permitir aos fiéis uma vida com menos sofrimento.

Nesse sentido, enquanto Pfister acreditou na potencialidade crítica da psicanálise, inclusive na esfera religiosa, sonhando com a possibilidade de uma conciliação entre psicanálise e religião e

estabelecendo uma sinonímia entre ambas por meio do “cuidado com alma/psíquico”, Pio XII era totalmente contrário ao posicionamento materializado nos textos de Pfister, negando totalmente o papel da psicanálise, tanto como método terapêutico, quanto como teoria útil acerca da natureza humana.

Partindo desses dois posicionamentos, ambos inscritos dentro do campo religioso, mas com visões divergentes sobre um mesmo tema, a saber, a psicanálise como forma válida de cuidado para com o ser humano, podemos, a partir das concepções de Maingueneau (2005), dizer que estes discursos polemizam entre si – ao, e por, disputarem o mesmo espaço discursivo -, e buscamos mostrar, por meio das análises de cartas enviadas pelo pastor Oskar Pfister a Freud e dos pronunciamentos do Papa Pio XII, a emergência dessa relação polêmica nos discursos.

Metodologia

O trabalho seguiu as seguintes etapas: i) leitura e revisão dos textos que versam sobre as relações polêmicas e interdiscursivas; ii) seleção, catalogação e análise dos dados, com base nos objetivos do trabalho e na proposta teórico-metodológica da Escola Francesa de Análise de Discurso; iii) discussão dos resultados e elaboração das conclusões da pesquisa.

Salientamos que, nas análises, nos baseamos, metodologicamente, também, no paradigma indiciário exposto por Ginzburg (1986), segundo o qual, dados aparentemente irrelevantes, funcionam como “pistas”/índícios importantes para construção dos resultados.

Resultados e Discussão

O Papa Pio XII, em seu pronunciamento no “I Congresso Internacional de Histopatologia do Sistema Nervoso”, em 1952, afirma o seguinte:

Eis aqui outro exemplo: para liberar-se de repressões, inibições, complexos psicológicos, o homem não é livre para despertar em si, com fins terapêuticos, todo e cada um destes apetites da esfera sexual que se agitam ou que tem se

agitado em seu ser e movem as águas impuras em seu inconsciente ou seu subconsciente (PIO XII, 1952).

Ainda no mesmo pronunciamento, o referido papa trata das acepções que podem funcionar como limitadoras das possibilidades de ação do homem. Nesse sentido, ele afirma que:

O paciente, por sua parte, não pode conferir mais direito do que aqueles que ele mesmo possui. [...] no que concerne ao paciente, ele não é dono absoluto de si mesmo, de seu corpo, de seu espírito. Não pode, por tanto, dispor livremente de si mesmo, como lhe agrada. O mesmo motivo pelo qual o trabalho por si só nem suficiente nem determinante. O paciente é ligado à teleologia imanente estabelecida pela natureza. (PIO XII, 1952).

Vemos, aqui, a emergência de normas e de preceitos aos quais o sujeito deve se submeter para poder se identificar, se subjetivar (e, portanto, falar) no/do lugar de fiel cristão-católico. Dessa forma, para esse modo específico de ser cristão, o homem está ligado ao que o Papa Pio XII chama de “teleologia imanente”, não sendo dono de si mesmo, nem de seu corpo, e, por isso “não tendo de modo algum o direito de dispor sobre seus segredos” (PIO XII, 1953). Portanto, o “paciente” não deve ultrapassar certos limites, não deve investigar a fundo suas fantasias e desejos sexuais. Vemos, aqui, algumas das razões da polêmica da Igreja Católica com a Psicanálise freudiana.

Podemos dizer que o pronunciamento do referido papa materializa uma forma de ser religioso segundo a qual as atitudes e os posicionamentos do homem estão sempre ligados a uma força maior, uma moral que emana do divino, que transcende o limite do homem e se insere num campo muito maior do que o da simples existência física e psíquica do ser humano.

Contudo, ao verificarmos as cartas enviadas pelo Pastor Oskar Pfister a Freud,

lemos, em uma delas, de 10 de setembro de 1926, o seguinte:

É muito doloroso para mim que os teólogos permaneçam atrasados e fracassem de modo tão lamentável. Há mais de dezoito anos estou no trabalho. Os pedagogos tem aceitado muitas coisas e, de todos os lados, ouço que a análise vai ocupando cada vez mais o centro dos interesses. Os teólogos envolverem-se demais numa tola disputa por princípios, em vez de se preocuparem com o bem-estar psíquico dos laicos – e o seu próprio (FREUD, E. L.; MENG, H. 2009, p. 136).

No excerto acima, vemos, como para Pfister, é muito mais importante se ater ao bem estar psíquico do sujeito do que se preocupar com questões morais, as quais ele chama de “tola disputa por princípios”. Tal posicionamento contrasta com a posição do Papa Pio XII, segundo a qual, como vimos acima, é muito mais importante obedecer a certos princípios morais e éticos do que buscar o bem-estar psíquico. Afinal, como lemos no pronunciamento do referido papa, o homem não é livre para mergulhar nas águas profundas de seu inconsciente, mesmo que seja para livrar-se de certos sintomas.

Em outra carta de Pfister a Freud, de 3 de abril de 1922, ele afirma que:

Em primeira linha quero ajudar a vencer o sofrimento, e posso fazê-lo melhor direcionando o povo para os analistas, do que me batendo com um bando de psicólogos e pedagogos bitolados (FREUD, E. L.; MENG, H. 2009, p. 112).

Nesse excerto, o pastor afirma que seu principal objetivo é ajudar a vencer o sofrimento. Quando relacionamos esse excerto com o anterior, chegamos a seguinte interpretação: para Pfister (que fala do lugar de pastor protestante e também de admirador da psicanálise), mais importante do que se apegar a preceitos morais, é ajudar o sujeito, ao fiel, a superar o

sofrimento. É possível, vê-lo, ainda, afirmar que:

Sem dúvidas, haverá uma cura de almas fora da igreja, até não religiosa. Se tão somente as pessoas forem tornadas boas e felizes, com ou sem religião, o querido Deus aprovará este trabalho com amável sorriso” (FREUD, E. L.; MENG, H. 2009, p. 136).

Delineia-se, assim, por meio das cartas de Pfister analisadas nesta pesquisa, uma maneira de ser religioso segundo a qual o bem estar físico e psíquico do fiel é sempre mais importante do que preceitos morais pré-estabelecidos. Trata-se, portanto, de uma maneira de ser religioso que desvincula a fé e a salvação da presença física na igreja; e que separa, mesmo que sutilmente, Deus de uma vivência religiosa na igreja. Dessa forma, vemos, no discurso materializado na/pelas cartas, a emergência de um outro modo de se subjetivar no lugar de sujeito religioso.

Para o pastor protestante, Oskar Pfister, a psicanálise é uma ferramenta de trabalho e também um importante auxílio na sua tarefa de cura de almas; para o Papa Pio XII, a psicanálise é uma teoria que versa e age sobre lugares intocáveis da psique dos sujeitos, atuando em desejos e anseios que não devem ser mobilizados, mesmo tendo como motivação uma possível cura. Para o Papa, sempre haverá um limite ético na prática da psicoterapia.

Os discursos, dessa forma, polemizam, no sentido proposto por Maingueneau (2005), ao disputarem de um mesmo espaço discursivo; espaço este, que institui aquilo que é “ser cristão”, a partir das supostas especificidades que “devem” fazer parte das características de um religioso. Polemizam, portanto, ao estabelecerem, cada um à sua maneira, certos modos, e não outros, de ser e de se subjetivar no lugar de fiel.

Conclusões

Tanto nos pronunciamentos do Papa Pio XII, quanto nas cartas enviadas pelo Pastor Oskar Pfister à Freud, constatamos a emergência de discursos que polemizam

entre si, justamente por disputarem o mesmo espaço discursivo, estabelecendo, assim, certas formas, e não outras, de ser religioso.

Os pronunciamentos do Papa Pio XII, que materializam um modo de religiosidade muito apegado às tradições e aos preceitos morais, institui um jeito de ser religioso que contrasta com o modo de ser religioso enunciado nas cartas do Pastor Pfister, o qual mostra-se, em seus textos, muito mais interessado no bem estar psíquico dos seus fiéis do que em preceitos morais. Dessa forma, a aprovação, ou não, da psicanálise, enquanto método válido para ser usado como forma de terapia e como ferramenta para o bem estar psíquico-espiritual, é algo que depende, antes de tudo, dos posicionamentos religiosos já pré-estabelecidos.

Trata-se, portanto, de diferentes pontos de vista, os quais se mostram como diametralmente opostos, muito embora ambos, em tese, adorem o mesmo Deus. Dizemos “em tese”, pois a própria definição do que é ser religioso está alinhada a certa imagem de deus, o qual não é o mesmo para cada um desses dois posicionamentos. Assim, o Deus materializado nos/pelos pronunciamentos do Papa Pio XII busca evitar que seus filhos mergulhem nas profundezas de seu subconsciente e que disponham de seus segredos e de seu corpo como bem entenderem. Trata-se, portanto, de um deus bastante diferente daquele materializado nas/pelas cartas do Pastor Pfister, pois, o deus dessas cartas está mais interessado no bem estar das pessoas que o seguem, sem se importar se elas vão ou não à igreja, pois, como dito pelo próprio Pfister, “sem dúvida, haverá uma cura de almas fora da igreja, até não religiosa. Se tão somente as pessoas forem tornadas boas e felizes, com ou sem religião, o querido Deus aprovará este trabalho com amável sorriso” (FREUD, E. L.; MENG, H. 2009, p. 136).

Dessa forma, a partir de um jogo de inter-relações, polêmicas e simulacros, cada

discurso estabelece uma modalidade diferente daquilo que se espera de um religioso, criando uma série de características que determinam discursivamente o lugar de cada sujeito no interior da polêmica discursiva.

Referências bibliográficas

FREUD, E. L.; MENG, H. (org.) **Cartas entre Freud & Pfister** [1909-1939]. 3ª. ed. Viçosa: Ultimato, 2009.

GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

PIO XII, Papa. **Discurso del Santo Padre Pío XII a los participantes en el i congreso internacional de histopatología del sistema nervioso**. (14 de setembro de 1952). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/es/speeches/1952/documents/hf_p-xii_spe_19520914_istopatologia.html>.

PIO XII, Papa. **Discurso del Santo Padre Pío XII a los participantes en el v congreso internacional de psicoterapia y de psicología clínica**. (13 de abril de 1953) Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/pius-xii/es/speeches/1953/documents/hf_p-xii_spe_19530413_psicoterapia.html>.